

LITERATURA DE VIAJANTES, UM

Neste trabalho o escritor e jornalista Ernani Silva Bruno procura chamar a atenção dos leitores desprevenidos para o saboroso filão de leituras constituído pelas narrativas de viajantes que, principalmente no século passado, estiveram no Brasil — mostrando que tais obras não devem interessar apenas aos pesquisadores de História ou de Sociologia, mas a todos os curtidores dos bons livros.

Ernani Silva Bruno

O brasileiro apreciador de leituras (romances, contos, crônicas, memórias) parece, de modo geral, ignorar ainda o sabor das narrativas de viagens pelo Brasil. A menos que essas narrativas tragam a chancela de autores nacionais mais que consagrados, como é o caso das remotas *Viagens de Outrora e Visões do Sertão*, do Visconde de Taunay, ou de um livro do tipo de *O Turista Aprendiz*, de Mário de Andrade. Ou então de textos de autores estrangeiros de notoriedade, como Kipling (*Cenas Brasileiras*) e Stefan Zweig (*Brasil, país do futuro*):

Mas tudo indica que esses leitores não descobriram ainda (ou receiam que sejam leituras de interesse apenas para pesquisadores de história e de sociologia) aqueles livros sugestivos e curiosos que, notadamente ao longo do século passado, autores europeus publicaram, narrando suas visitas e andanças em nosso país.

Traduzidas e editadas em português por algumas editoras, nas coleções Brasileira, Documentos Brasileiros e Biblioteca Histórica Brasileira, principalmente nas décadas de 30, 40 e 50, várias dessas obras estão sendo reeditadas pela Editora da Universidade de São Paulo, por constituírem,

sem dúvida, admiráveis contribuições ao conhecimento de aspectos gerais e regionais de uma etapa da civilização brasileira, mas que se configuram, ao mesmo tempo, como surpreendentes documentos humanos e de saborosa leitura.

Da arte de escrever em condições adversas

Não importa que esses autores não tenham sido escritores no sentido de criadores de obras literárias. Nem era esse o objetivo deles. Eram homens que vinham da Alemanha, da Áustria, da França, da Inglaterra, andejar pelo trópico sul-americano. Ou por espírito de aventura ou para pesquisarem novas pedras, plantas raras, bichos desconhecidos. E até para avaliar as possibilidades de consumo que pudesse haver, no Brasil, para os produtos das indústrias de seus países. E que depois contaram, em livros às vezes admiráveis, suas ricas experiências de andarilhos e observadores.

Trilhavam a cavalo, por léguas e léguas, os bárbaros caminhos nossos de então, repousando à noite ao relento ou em telheiros onde não raro suportavam, além do frio e da chuva, o implacável ataque das pulgas e dos bichos-de-pé. E nas horas vagas anotavam, com europeia minudência e às vezes com um bocado de azedume, tudo aquilo que o Brasil ostentava de menos europeu, de mais oriental, de mais africano ou de mais nativo — nas casas de seu povo, nos processos de sua lavoura, nos seus costumes domésticos, nas suas músicas e danças.

Saint-Hilaire, por exemplo (que o poeta Manuel Bandeira chamou de "o nosso Saint-Hilaire"), escrevia seu diário de viagem às vezes acampado fazendo, de suas malas, escriturinhas. Em uma fazenda do sertão de Minas, alojado em uma dependência de serviço, redigiu suas anotações de viagem ao som das pancadas de um monjolo e com os olhos ardendo sob a fumaça que se desprendia de um forno de fazer farinha. Não era sempre que podia escrever ao menos com um desconforto sossegado, como no alpendre de uma casa da região do Jequitinhonha, à luz de uma vela, ouvindo os ruídos distantes



Carregadores de Água, gravura de Rugendas. Johann Moritz Rugendas (1802-1858) veio para o Brasil em 1821 contratado como desenhista da missão científica que sob a chefia de Von Langsdorff se propunha a percorrer os sertões brasileiros. Mas acabou viajando por conta própria e escrevendo um livro que é uma espécie de crônica geral da vida do Brasil em sua época. São notáveis as estampas em que ele retrata todas as fases do cativoiro.



O desenho é o flagrante de uma das viagens de Biard. François Auguste Biard (1798-1882) veio para o Brasil em 1858 em busca de motivos exóticos para os croquis e quadros humorísticos com que colaborava em revistas francesas.